

## RESENHA

**[OZ-SALZBERGER, Fania e OZ, Amos. *Os Judeus e as Palavras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015]**

Isadora Sinay<sup>1</sup>

Amos Oz é um escritor e jornalista israelense. Escreve obras de ficção e não-ficção e hoje leciona teoria literária na Universidade Ben-Gurion em Bersheva, Israel. Sua filha, Fania Oz-Salzberger é historiadora e leciona na Universidade de Haifa, nos departamentos de Direito e Estudos Germânicos.

Ambos escreveram ensaios sobre literatura, judaísmo e história judaica e decidiram entrelaçar todos esses temas em um livro curto, mas ambicioso: *Os Judeus e as Palavras*, escrito originalmente em inglês em 2012 e traduzido em 2015 por George Schlesinger para a Companhia das Letras.

A obra anuncia-se já no prefácio como um ensaio: um texto acadêmico, porém de forma mais livre, em que os autores trabalharão associações e teorias de forma consistente, mas sem deixar de ater-se ao fluxo do texto, a certa coloquialidade e, principalmente, a acessibilidade do trabalho. *Os Judeus e as Palavras* é, antes de tudo, um livro acessível. A judeus e não –judeus, estudiosos da religião ou não, especialistas em literatura ou não. Isso porque, embora trate fundamentalmente da relação dos judeus com seus textos, sagrados e profanos, ele foca no legado que esses textos deixaram para o mundo e a história ocidental.

Os autores começam por definir-se como judeus, israelenses e seculares. Isso significa que não acreditam em Deus, o que não quer dizer que não acreditem em religião. Um dos pontos centrais, e mais interessantes, do ensaio é a abordagem que Amos e Fania Oz fazem do fato religioso: não importa se Deus é real, ou se as recentes escavações arqueológicas confirmam ou desmentem a Israel bíblica. A narrativa é real, a religião existe como comunidade, crença e conjunto de textos, valores e lei. Especialmente textos.

Os judeus são chamados há séculos de “o povo do livro” e os autores radiografam minuciosamente a relação entre esse povo e seus diversos livros, a começar pela Torá. Mas não interessa a eles a Torá apenas como revelação divina, mas sim como objeto vivo, textual,

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP, pesquisadora do Nemes (PUC-SP), trabalha com as relações entre religião, cinema e literatura. [isadora.sinay@gmail.com](mailto:isadora.sinay@gmail.com)

passado por diversas mãos e escrito por muitos autores. Amos e Fania mergulham na língua hebraica, em seus trocadilhos e duplos sentidos, nos desafios que impõe a tradução. Na riqueza textual do livro. Para os autores, muito do relacionamento duradouro que os judeus estabelecerão com o texto sagrado passa por sua riqueza literária, o prazer estético que ele pode proporcionar a seu leitor. São frases que se quer repetir de geração em geração, que fazem de todo judeu um leitor.

É notória a colaboração judaica para a cultura mundial. Nomes como Albert Einstein, Sigmund Freud, Franz Kafka, Karl Marx e Walter Benjamin nasceram em famílias judias. É também uma pergunta corrente: o que levou um povo a produzir tantos estudiosos notáveis? O que leva uma civilização a ser tão apta, com tanta frequência, no trato com palavras e ideias?

Os autores não oferecem uma resposta, mas seguem com gosto pelos caminhos da pergunta. O judaísmo é uma religião do livro, isso quer dizer que sua prática cotidiana envolve horas de leitura, escrita e estudo. Os rabinos são eruditos, assim como os sábios do Talmud e da Mishná. A tradição de comentários acerca do texto sagrado é quase tão rica e forte quanto o texto em si. Embora o texto talmúdico seja literariamente menos primoroso que a Torá, foi o hábito de discussão contínua acerca dos detalhes mais triviais que, para os autores deste ensaio, tornou os judeus tão bons literatos.

Os temas discutidos no Talmud variam da liturgia mais sagrada, a uma trivialidade a respeito de pelagens de cabra. É essa mistura entre grandioso e pequeno, sagrado e profano, reverência e profunda irreverência que molda a literatura judaica para além de seus textos religiosos. A literatura iídiche é, sobretudo, uma literatura do cotidiano: Isaac Bashevis Singer, Shmuel Agnon e Sholem Aleichem são como cronistas da vida no *shtetl*, dos mitos, das superstições, das fofocas. São autores que desenham um mundo e, ao fazerem isso, preservam-no da destruição que se abateria.

A literatura para os judeus sempre teve caráter de sobrevivência e resistência. Sobrevive-se por meio dos livros, dos textos, a continuidade do povo se assegura enquanto forem capazes de transmitir textos ao longo de gerações. Já a resistência concentra-se em uma palavra hebraica assimilada pelo iídiche: *chutzpah*, ousadia. O humor judaico, reconhecido e forte em toda a cultura mundial, sustenta-se nessa irreverência. Nas velhinhas que discutem com Deus, no amargor resignado de Woody Allen, no exasperado Alexander Portnoy, de Philip Roth, que compara sua vida a uma infundável piada de judeu. O humor judaico nasce de uma revolta temente, da vontade de desfiar reclamações a Deus mesmo consciente de que ele é todo-poderoso. E nasce também de uma história longuíssima de perseguições, expulsões e

assassinatos. É um humor que muitas vezes ri para não chorar. E é essencialmente verbal. Nesse ponto, os autores notam, é mais Groucho Marx do que seus outros irmãos. É a ridicularização de si mesmo na esperança de ser mais rápido que o agressor.

E essa tese, da continuidade e sobrevivência, que os autores buscam sustentar. Para Amos e Fania Oz, a continuidade judaica não é étnica, genética, nem mesmo religiosa, é textual. São o mesmo povo aqueles que tem os mesmos textos, aqueles que põe a mesa a cada shabbat em volta da mesma comida e das mesmas rezas, mesmo que pronunciadas em línguas diferentes. A continuidade judaica depende da capacidade de pais transmitirem textos para filhos, de rabinos transmitirem textos a seus alunos.

Outras civilizações, eles notam, deixaram pirâmides, muralhas, templos, catedrais e ruínas. Os judeus deixaram textos. Pergaminhos e pergaminhos, páginas e páginas de textos. Textos sagrados e profanos, grandiosos e triviais. Narrativas que se embrenharam no imaginário coletivo mesmo daqueles que não creem em Deus. A Torá, para os autores, não é tanto um livro sagrado quanto uma obra de literatura, da mesma ordem que *Guerra e Paz*, *Os Irmãos Karamazov* ou *Dom Quixote*. É patrimônio artístico e cultural da humanidade. É o legado que os judeus deixaram, para os outros e para si mesmos de forma a alimentar um legado infinito de outros textos.